



A PARÓDIA

N.º 139 — LISBOA, 10 DE SETEMBRO.

3 ANO 1912

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis
 a 52 a 12000 »
 Cobrança pelo correio custa..... 100 »
 Estrangeiro, acresce o porte do correio.

Preço avulso 20 réis
 Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras

PROPRIETARIOS
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
 E
M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES
 Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

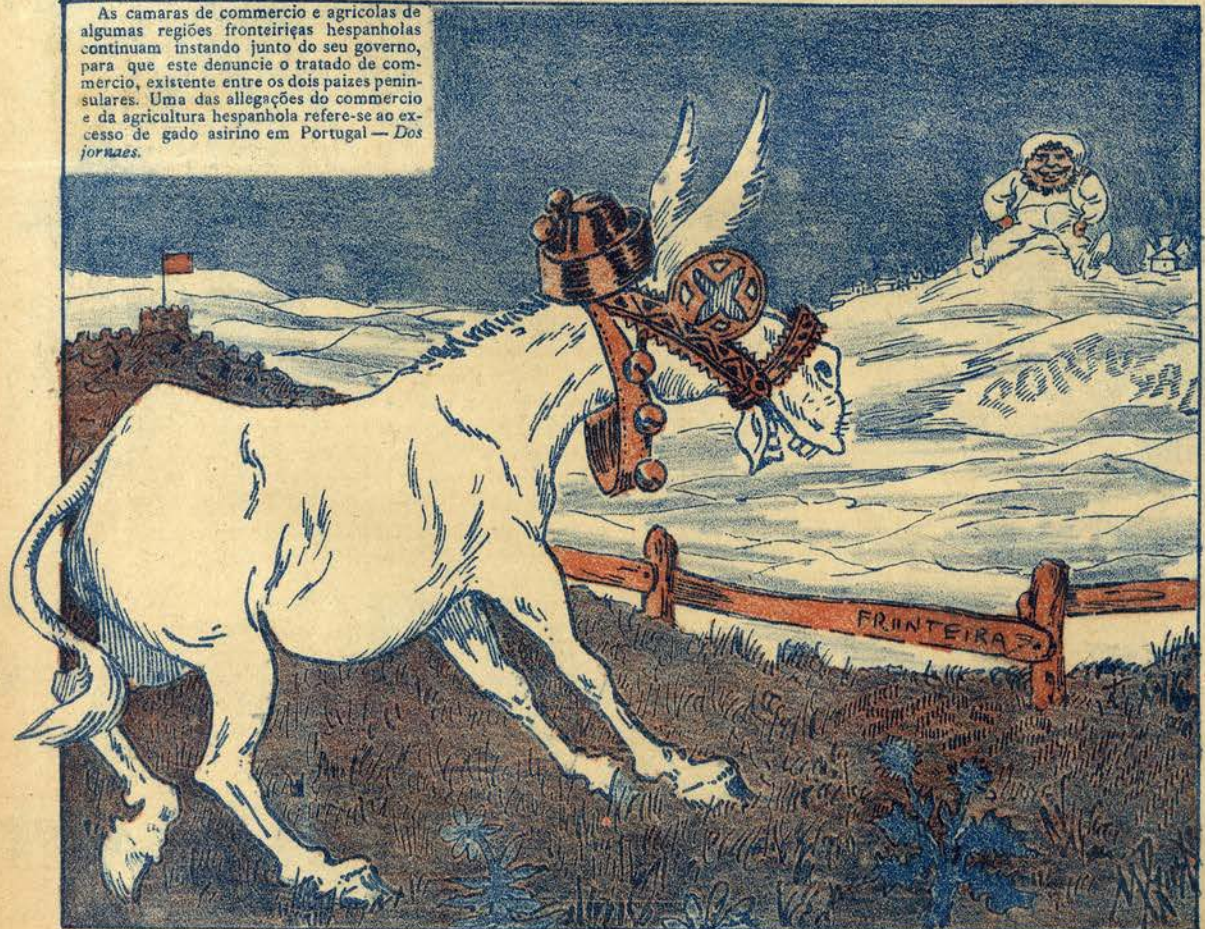
Composição: *Minerva Peninsular*
 111, Rua do Norte, 113

Impressão: *Lythographia Artistica*,
 Rua do Almada, 32 e 34

EDITOR — CANDIDO CHAVES

TRATADOS DE COMMERCIO

As camaras de commercio e agricolas de algumas regiões fronteiriças hespanholas continuam instando junto do seu governo, para que este denuncie o tratado de commercio, existente entre os dois paizes peninsulares. Uma das allegações do commercio e da agricultura hespanhola refere-se ao excesso de gado asirino em Portugal — Dos *journaes*.



As ultimas reclamações da Hespanha

A LUA DE MEL

Quarto crescente

Minguante



P

OR estes calores de estio, que embotam a ponta da sagacidade—no fidalgo dizer de Queiroz — entende opportuno um jornal da tarde — *O Dia*, propôr ao ocio dos seus leitores esta consideravel interrogação: *a lua de mel deve ser supprimida?*

Evidentemente, a palavra *supprimir* é aqui descabida, pois que não cabe na alçada dos homens supprimir actos e práticas que, pela sua natureza intima, pertencem ao numero das que taxativamente consideramos *livres*, isto é, isemptas de toda a limitação.

O que o periodico em questão quer, portanto, significar é o pensamento de simplificar as formulas sociaes do matrimonio, *supprimindo*—e só aqui cabe a palavra—*a lua de mel*, nas suas relações com o mundo externo.

E' susceptivel de ser acolhida benevolmente a iniciativa d'este jornal? Vejamos.

De todas as religiões, o que resta é o Culto. Uma religião a que se elimina o ritual — esclarece sempre o arguto Queiroz—desapparece. Cumprir os ritos, as praticas, as formulas, eis o que se chama fazer religião. Só é veridicamente catholico aquelle que vae á missa e diante de um altar em que um sacerdote de estola liba um vinho roxo que é o sangue de Christo — se persigna, bate devotamente no peito, e assim, por gestos e signaes, propicia Deus.

O matrimonio, como o baptismo e tantas outras instituições christãs tem, como a propria religião de que emanam, um ritual e um culto, que principiam no templo e acabam na alcova nupcial.

A lua de mel é uma das phases do Culto matrimonial, que, sem ella, consideravelmente diminuido, ficaria prejudicado senão na sua essencia, no exercicio do seu rito, indispensavel ao prestigio do seu mysterio. E a lua de mel — vejamos ainda — não é o homem revelando-se á mulher, de camisola de algodão e cuecas de riscas, na semi-nudez hedionda do homem dos nossos dias, mas o homem tomando publicamente posse da sua mulher, primeiro em frente ao *lunch* do Ferrari, sob a lagrima caliginosa das sogras, depois, na estação, á hora de partir, sob o olho ratão dos velhos amigos, por ultimo, no hotel, sob o olho insolente dos creados. Esta é que é a lua de mel e só assim se propicia o Deus Amor, fazendo-lhe a offerenda de dois bilhetes de 1.ª classe e um quarto com tabiques, n'uma hospedaria do Bussaco; — e sem *lunch*, sem lagrimas, sem amigos velhos de olho ratão, sem creados de olho insolente, sem dois bilhetes de 1.ª classe e sem um quarto com tabiques n'uma hospedaria do Bussaco—ponderem os reformadores de costumes! — não ha matrimonio porque não ha culto, o indispensavel culto que é a garantia da estabilidade de todas as instituições de origem divina.

O *Dia* é um órgão conservador. No numero das instituições por cuja guarda elle vela, certamente está essa. Não suppomos ir de encontro ao seu programma de ordem, advertindo-o de que inconsideradamente está talvez minando um dos mais solidos alicerces do edificio social — o matrimonio, base da constituição da familia, no succulento conceito do digno par sr. Oliveira Monteiro.

Mas ha mais.



Supprimir a lua de mel—digamol-o affoutamente—é despojar o homem do mais ambicionado prestigio que até agora o cobria. Aqui entram em ponderação interesses discretos, mas não menos legitimos.

Não estão senhoras, podemos fallar. Ligamos a verdade toda: o fim da lua de mel era o nosso fim. Pensemos n'isto: Aos olhos da mulher apenas temos interesse, enquanto ella, na sua inexperiencia e na sua candura, imperfeitamente nos conhece. E' então que nos ama, pela porção de mysterio que lhes levamos debaixo do peitilho da nossa camisa de *soirée*.



Supprimir esta hora de doce ludíbrio, o que seria?

Seria lastimosamente perdemos todo o sentido humano, porque o homem—este é o facto—não veio ao mundo para fabricar religiões e montar systemas philosophicos, mas simplesmente para amar, o que elle só dá a illusão de fazer n'aquelle momento da vida em que a mulher o espera, jubilosa e assustada, como se elle houvesse de trazer-lhe alguma coisa da bemaventurança e, ao mesmo tempo, alguma coisa do inferno.

Toda a mentira é essencial á vida. Assim é forçoso que o homem appareça eternamente aos olhos ainda não violados da mulher, envolto n'um mysterio perturbador. A lua de mel é a taboleta do Amor, e embora não se trate senão do *Hotel da Barafunda* é indispensavel, para satisfação das eternas necessidades do Ideal, que n'ella se leia, em letras d'oiro sobre fundo azul: *PARAISO HOTEL. Quarros paaa pernottar.*

E ainda é — diga-se de passagem — dos melhores negocios que fazemos.



A tuberculose na litteratura e na politica



Depois do romance historico, é, sem duvida, a tuberculose a enfermidade mais litteraria que ultimamente tem grassado em Portugal.

Tivemos a tuberculose na poesia lyrica, com abundantes hemoptyses em 8.º francez. Ninguem ignora que, durante algum tempo, no Parnaso portuguez, não se ouvia senão tossir.

Tivemos a tuberculose no jornalismo. Foi o caso do sr. Lambertini Pinto, dando-nos periodicamente a *reportage* da sua tísica, a qual, como se sabe, pôde ser debellada, mercê d'esta terapeutica exclusivamente litteraria. Pensou-se mesmo, depois da cura excellente do sr. Lambertini, em instalar um sanatorio no *Diario de Noticias*.

Tivemos a tuberculose no theatre, onde ultimamente se manifestaram alguns symptomas em tres e mais actos, com debilidade extrema.

A proposito da tuberculose, os medicos que, até então, só faziam receitas, passaram a fazer litteratura. Alguns, excedendo-se, fizeram mesmo boa litteratura.

A tuberculose sahio dos hospitaes e invadiu tudo: a Academia de Sciencias, a Associação dos Jornalistas, o Parlamento, o Pulpito, a Sociedade de Geographia, as salas dos theatros. Fez discursos, fez conferencias, fez ditos, fez beneficios. N'uma palavra, grassou em todos os dominios e em todos os refugios do espirito contemporaneo, com tal vehemencia, que a todos nós foi forçoso comprehendel-a, estudal-a e, até certo ponto, tel-a.



Davos encheu-se de portuguezes—Cremos não haver por lá individuos de outras nacionalidades; e não ter estado em Davos passou a ser falta de gosto e de intellectualidade. Toda a gente culta em Portugal tem o dever de ter estado em Davos.

Ja isto n'este pendor, quando agora nos surge, no congresso da tuberculose em Viana—quem?

O sr. Fuschini!

Faltava áquella illustre enfermidade a chancellia do antigo ministro de 1892 para que ella, tendo grassado na litteratura, passasse a grassar na politica.

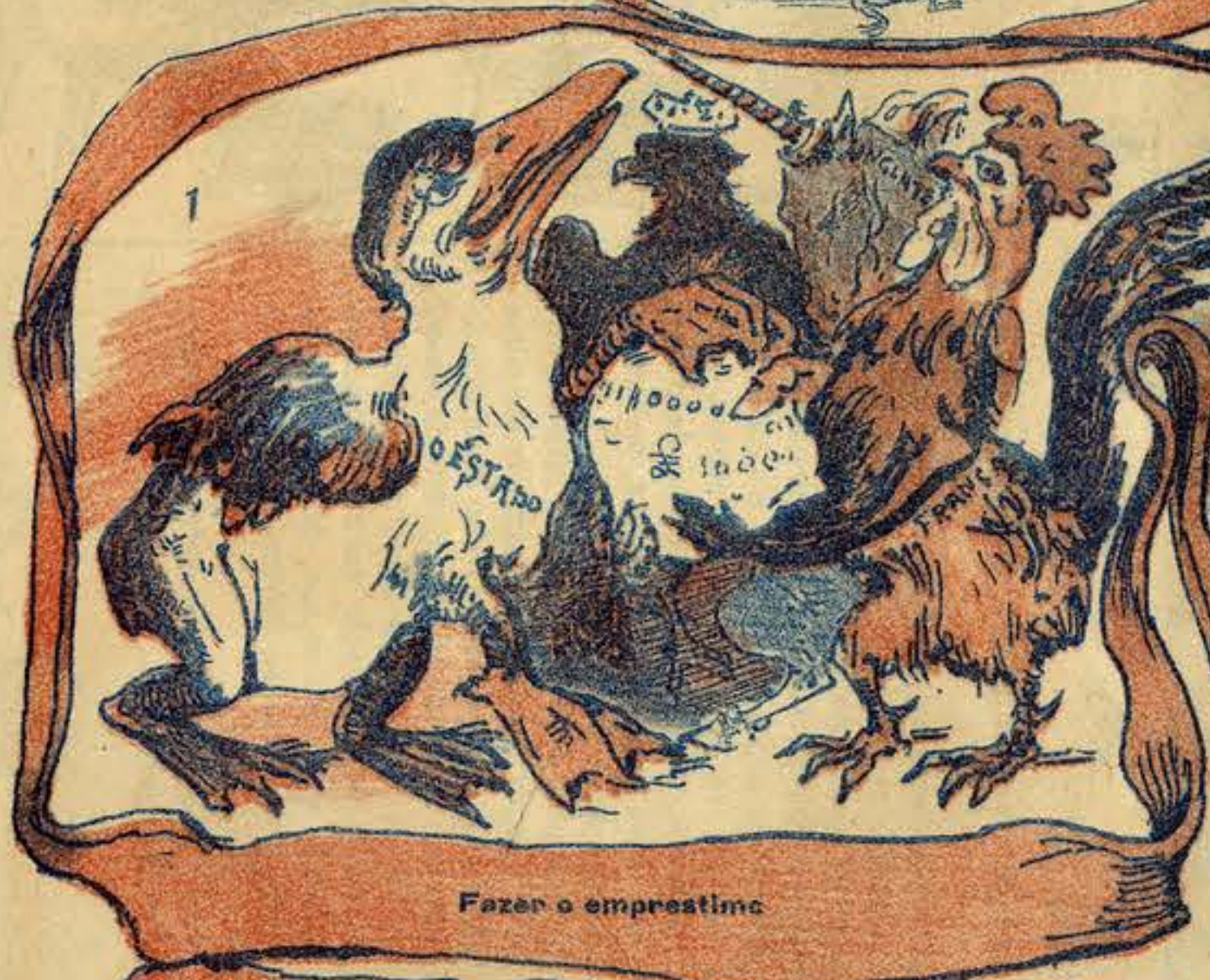
Agora, é de vez e não nos deixa mais. Não entrou ainda na rotaçião, visto ter entrado pela porta travessa do sr. Fuschini, mas entrou já na orbita constitucional.

Dentro em pouco constituirá partido, terá um programma, fundará um centro, irá á camara, será governo, nomeará governadores civis, dará empregos, fará emprestimos.

Humildemente nascida na Assistencia Nacional, a Tuberculose fará carreira, viverá longos annos e morrerá de velha no Tribunal de Contas.

O motu-continuo... constitucional

(Estampa suggerida pela nova descoberta do padre João d'Oliveira Junior)



Fazer o empréstimo



Gastar o empréstimo



Cobrar o imposto



Gastar o imposto



Fazer o empréstimo



Gastar o empréstimo

TAPAREL SORDALLO PINHEIRO



Uma no cravo...

Tem-se falado muito da projectada conclusão dos Jeronymos.

E têm-na attribuído aos bons desejos do sr. Costa Pinto.

Trata-se, effectivamente, da conclusão dos Jeronymos; mas a iniciativa não é do sr. Costa Pinto — é do sr. presidente do Conselho.

Queremos referir-nos á conclusão dos Jeronymos — de Vasconcellos.

D'esta vez acabam!



Fóra de Lisboa:

Um correspondente do Cartaxo para o *Diário de Notícias* refere que naquella villa se travou uma verdadeira lucta entre dois cangalheiros, por causa dos enterros a preços reduzidos que um d'elles annunciou.

E logo o outro, nos jornaes de maior circulação do Cartaxo, fez inserir este annuncio:

De graça — Julio José Nunes Lagarto — 13, rua do Carril, 13. — Trata de enterros de graça, encarrega-se de exumações e trasladações de graça, arma as casas de graça.

Não é um cangalheiro. E' o *Caracoles!*



A respeito de nós dizem os hespanhoes que nos mercados portuguezes *hay siempre exceso de carnes*. E nisto se fundam para que se chegue á conclusão de que não nos é preciso mais importar carnes de lá.

Ha quanto tempo andamos nós a dizer isto mesmo — a respeito das hespanholas!



Uma parte do grande e audacioso roubo da rua do Arsenal foi praticado, como se sabe, na casa onde está estabelecida a Companhia Equidade. A Companhia Equidade é uma companhia de seguros.

Chega a gente a não saber onde se ha-de segurar!



Foi absolvido nos tribunaes o commerciante José Thomaz, dono de uma mercearia da Calçada de S. Vicente, n.º 78, em cujo estabelecimento foi apreendido um peso de 2 kilos com 200 grammas a mais, de qual elle se servia para pesar os generos que depois revendia — usando d'outros pesos.

A justiça pensou, e pensou muito bem: Pois se nós temos de condemnar o mercceiro que se serve de pesos com algumas grammas a menos, que outra coisa podemos fazer senão absolver este, que se serviu de um peso com 200 grammas a mais?



Barafustando contra os malvados que ultimamente teem apedrejado varios comboios, e contra a justiça dos tribunaes que têm posto uma pedra em cima de processos contra alguns d'esses apedrejadores, diz Mendonça e Costa na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*:



— Pedras contra os comboios! Pedras sobre os processos! Positivamente, estamos outra vez na idade — da pedra!

O OUTRO EU.



O leão de Castella na rua do Arsenal

NÃO sabemos em virtude de que indícios, ou de que prevenções patrióticas, a policia entrou na solida persuasão de que o roubo da rua do Arsenal fôra praticado por um hespanhol.

Eil-a, pois, na pista dos criminosos.

Vascolejou as hospedarias e aferrolhou austeramente no Governo Civil todos os Papes que encontrou em acção de gosarem dos beneficios da liberdade.



Em seguida, encafuou os Pablos.



Depois os Nicasios.



Finalmente, os Manolos.



Sem exclusão das Mercedes, das Lolas e das Puras, que tiveram o infortunio de se encontrarem no momento, em companhia d'aquelles seus poucos propícios compatriotas.



Assim succedeu virem no cabaz dois toireiros, cuja presença nas hospedarias em que os surpreenderam não foi sufficientemente justificada pelas necessidades do exercicio da sua profissão, porque, para a policia, um toireiro tem um unico domicilio confessavel e digno, que é a praça de toiros.



Como de positivo nada se haja aindaprehendido da presença em Lisboa, d'aquelles subditos de sua magestade catholica, consta que a policia vae entrar em novas averiguações e fazer novas *razzias*, para o que já appellou para o concurso da Sociedade 1.º Dezembro.

Emfim, tudo parece indicar que o roubo da rua do Arsenal vae fazer renascer a questão do iberismo, em todo o seu velho aze-dume.

Procura-se um hespanhol que caiba pelo buraco da casa de cambio da rua do Arsenal. Na sua sanha, a policia ha-de encon-tral-o, ainda que tenha de ir ressuscitar o proprio sr. Fernandes de los Rios.



Diriamos, pelo visto, que, quem passou pelo buraco não foi um ladrão pendurado a uma corda, mas o proprio leão de Castella, fatal aos cofres dos cambistas e ao principio da autonomia nacional.



Pajassos

Verificou-se que o cofre da rua do Arsenal era... falsificado. Assim o noticia um jornal:

«O cofre á prova de fogo, do qual subtrairam os 4:000\$000 réis, era uma falsificação. Nas paredes lateraes, porta, tampa e chão, em vez de areia ou outra qualquer materia, que o isolasse do fogo, havia unicamente serradura.»

A falsificação dos cofres vae certamente dar origem á falsificação dos incendios e á falsificação dos ladrões.

Estamos — não ha duvidal-o — na idade d'ouro... falso, das falsificações.



Um jornal annuncia com espalhafato: — O escandalo do Curso Superior de Lettras. O quê? Outra vez o Deusdado?



Do mesmo:

«Estamos positivamente n'uma cidade perigosa. Lisboa civilisa-se.»

E' a mania das grandezas!

MENÉRES & C.^a
Porto

Fornecedoras da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Paris, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

«O DIARIO»

Apareceu no domingo o 1.º numero do *Diario*, grande jornal quotidiano, ao qual nos expressamos a dar as boas-vindas, emquanto no proximo numero, o não fazemos por outro meio.

O PINTO E A LARVA

(A FABELA)



Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes
Preços limitadíssimos
99, RUA AUREA, 99



Companhia Real
DOS
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO

Desde o dia 1 de Setembro de 1902 os comboios expressos n.ºs 55, entre Lisboa-Rocio e Porto e 56 entre Porto e Lisboa-Rocio, terão 1 m. de paragem em Espinho para serviço de passageiros.

A modificação que essas marchas soffrem é a seguinte:

Comboio n.º 55—Expresso	
Espinho	Partida 10-38, tarde
Comboio n.º 56—Expresso	
Gaya	Partida 4-21, tarde
Granja	4-36, "
Espinho	4-42, "

Lisboa, 28 de Agosto de 1902.

AVISO AO PUBLICO

Comboio tramway entre Caldas e S. Martinho

Para os comboios n.ºs 211 e 210 entre Caldas e S. Martinho que segundo horario em vigor, cartaz D 94, se effectuaria de 1 a 30 de Setembro proximo, serão vendidos bilhetes especiaes pelos seguintes preços:

1.º c. 2.º c. 3.º c.	
Bilhetes de ida e volta de Caldas a S. Mart.	320 220 120
" de simples ida de S. Mart a Caldas. 160 110 70	

Nestes preços está incluído o imposto do sello. Só são validos para estes comboios os bilhetes a que este Aviso se refere, os quaes não tem validade para nenhuns outros comboios.

Estes bilhetes são unicamente validos no dia da venda. Ficam em vigor as disposições da Tarifa Geral no que não sejam contrarias ao que no presente se estipulam. Lisboa, 28 de Agosto de 1902.

Grandes festas da Nazareth

nos dias 7 a 14 de setembro de 1902

Bilhetes de ida e volta em 2.º e 3.º classe, por preços muito reduzidos, de Lisboa-Rocio e de todas as estações da linha d'este para Cell e Valladolid.

Ida nos dias 6 a 14 de Setembro	
Volta " 7 a 15 "	
pelos comboios ordinarios que partem de Lisboa-Rocio ás 7 da manhã e 9-45 da tarde e pelos que partem de Valladolid ás 1-19 e 10-5 m. e 7-50 t.	
Cella " 1-38 e 10-43 " 8-8 "	

COMBOIOS ESPECIAES

Ida—dia 11 Partida de Lisboa-Rocio 8-5 manhã	
Volta " 13 " " Valladolid 8-15 t. part. de Cella 8-29 t	
" 14 " " " 12-55 n. " " 1-9 n.	

Preços de Lisboa-Rocio

2.º clas. e 3.º 100 réis—3.º classe 1\$500 nos preços supra está incluído o imposto de sello. Demais preços e condições, ver os cartazes afixados nos logares do costume.

Lisboa, 3 de setembro de 1902.

Serviço combinado com a Companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta e de Salamanca á fronteira portuguesa.

Feira annual e grandes touzadas em Salamanca

nos dias 11, 12, 13 e 14 de Setembro de 1902

Bilhetes de ida e volta por preços muito reduzidos validos para

Ida—7 a 3 de Setembro } pelos comboios ordinarios.
Volta—9 a 25 " " }
Estes prazos de validade permitem aos passageiros poder assistir ás

Grandes corridas de touros em Valladolid

nos dias 19, 20, 21 e 22 de Setembro

Tomando, para, isso, em Salamanca bilhetes especiaes de ida e volta.

PREÇO DOS BILHETES

De Lisboa Rocio ou Cas dos Soldados a Salamanca e volta

1.º classe 9\$060 réis—2.º classe 5\$040 réis Nos preços supra está incluído o imposto de sello para o governo portuguez. Mais esclarecimentos, ver os cartazes afixados nos logares do costume.

Lisboa, 4 de setembro de 1902.

Pelo Director Geral da Companhia

O Engenheiro Adjuncto á Direcção Geral

Augusto Luciano S. de Carvalho.

A CASACA E A SOBRECASACA (Dialogo)



— Será verdade o que me disseram?...
Que se vai casar?

— E porque não? Não se diz «sobrecasa-
ca de cerimonia»?

— Onde, minha boa amiga, onde?

— Lembre-se de que me chamo casaca!
— Labita é que a senhora se chama! I.a-
bita!

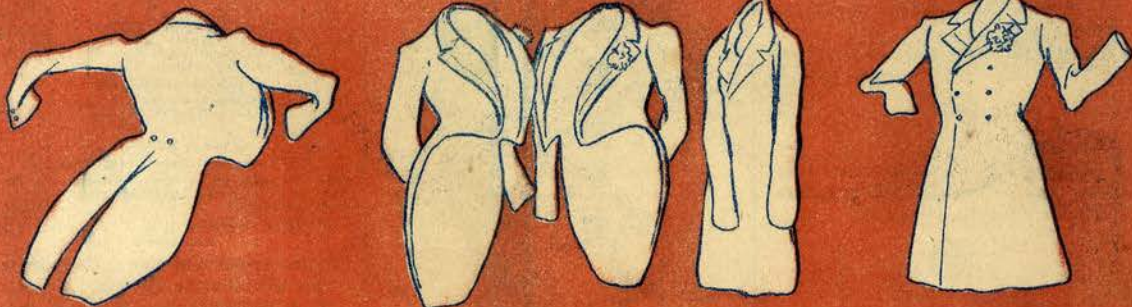


— Tenho antepassados! A minha ascen-
dencia pode ver-se!...

— E então eu que descendo do Riding -
Coat.

— Ora! Nobreza de estrebaria!

— Dobre a lingua! Sou a *toilette* preferi-
da dos deputados e senadores!



— Eu danço o boston...

— A figura que vossê faz ao nosso lado,
na alta sociedade!...

— Nos *five-o'clock* nos *garden-parties* sou
eu a preferida!...



— Sem mim, não ha duello.

— Alem de que, sou a sciencia!

— E' possível, mas affianço-lhe que nunca
entrará na Academia.

CRAN & FINE